

# Certeza, saber e verdade na práxis de Freud e a orientação para o real formalizada por Lacan<sup>1</sup>

---

Raul Pacheco Filho

## Resumo

Algumas homologias aproximam Freud de Descartes no que diz respeito à dúvida como via na busca do saber: a dúvida metódica cartesiana e o método da associação livre e interpretação pressupõem, ambos, a destituição do eu como fonte segura e isenta de alienações e equívocos. A partir daí, ambos extraem sua certeza: a existência da *res cogitans*, no caso de Descartes, e o inconsciente, no caso de Freud. Os dois operam cortes no saber e criam campos anteriormente inexistentes: a ciência moderna e a psicanálise. Mas existem também as dissimetrias, mostra Lacan no *Seminário 11*. Se o real em Descartes está na balança do “eu penso” para o “eu existo”, a busca do verdadeiro o leva a recorrer à *res infinita*: Deus. Já em Freud, a certeza advém da persistência da dúvida, e não de sua eliminação. Há nele um amor pela verdade e uma paixão pelo significante que às vezes o posicionam como mestre da verdade do inconsciente de seus analisantes. Mas, ao não se furtar às decepções com os erros, os tropeços em sua práxis sempre o confrontam com o real: a falta a que o sujeito não pode se furtar. Pretendo refletir sobre como, ao não buscar a garantia de um Grande Outro e não esmorecer em sua busca, Freud resguardou a impotência da verdade no campo da psicanálise. A partir disso, Lacan definiu o real como núcleo de certeza a que todas as ficções remetem sem esgotar e formalizou a disjunção entre saber e verdade. É por isso que, no discurso do analista, esse se sustenta no lugar dominante como semblante de objeto causa do desejo e aloca o saber no lugar da verdade.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Real; Certeza; Saber; Verdade; Lacan; Freud.

---

<sup>1</sup> Este artigo originou-se da minha apresentação, com o mesmo título, realizada em plenária do XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) (“A psicanálise entre saber e verdade”), realizado em novembro de 2023, em Belém (PA).

## **Certainty, knowledge and truth in Freud's praxis and the orientation towards reality formalized by Lacan**

### **Abstract**

Some homologies bring Freud and Descartes closer, with regard to doubt as a path in the search for knowledge: Cartesian methodical doubt and the method of free association and interpretation both presuppose the destitution of the *ego* as a safe and free source of alienation and mistakes. From there, both derive their certainty: the existence of *res cogitans*, in the case of Descartes, and the unconscious, in the case of Freud. Both operate cuts in knowledge and create previously non-existent fields: modern science and psychoanalysis. But there are also dissymmetries, Lacan shows in *Seminar 11*. If the real in Descartes is in the transition from "I think" to "I exist", the search for the true leads him to resort to the *res infinita*: God. In Freud, certainty comes from the persistence of doubt and not from its elimination. There is a love for the truth and a passion for the signifier in Freud, which sometimes position him as a master of the truth of the unconscious of his analysands. But, by not avoiding disappointments with mistakes, the stumbles in his practice always confront him with the real: the lack that the subject cannot escape. I intend to reflect on how, by not seeking the guarantee of a Grand Autre and not weakening in his search, Freud protected the impotence of truth in the field of psychoanalysis. From this, Lacan defined the real as the nucleus of certainty that all fictions refer to without exhausting it and formalized the disjunction between knowledge and truth. This is why, in the analyst's discourse, the analyst maintains itself on the dominant place, as the semblance of object cause of desire, and allocates knowledge in the place of truth.

### **Keywords:**

Psychoanalysis; Real; Certainty; Knowledge; True; Lacan; Freud.

## **Certeza, saber y verdad en la praxis de Freud y la orientación hacia lo real formalizada por Lacan**

### **Resumen**

Algunas homologías acercan a Freud y Descartes, con respecto a la duda como camino en la búsqueda del saber: la duda metódica cartesiana y el método de libre asociación e interpretación presuponen la destitución del yo como fuente segura y libre de alienación y errores. De ahí, ambos derivan su certeza: la existencia de la *res cogitans*, en el caso de Descartes, y del inconsciente, en el caso de Freud.

Ambos operan recortes en el saber y crean campos antes inexistentes: la ciencia moderna y el psicoanálisis. Pero también hay disimetrías, muestra Lacan en el *Seminario 11*. Si lo real en Descartes está en la transición del “pienso” al “existo”, la búsqueda de lo verdadero lo lleva a recurrir a la *res infinita*: Dios. En Freud, la certeza proviene de la persistencia de la duda y no de su eliminación. Hay en él un amor por la verdad y una pasión por el significante, que a veces lo posicionan como un maestro de la verdad del inconsciente de sus analizados. Pero, al no evitar decepciones por errores, los tropiezos en su práctica lo confrontan siempre con lo real: la falta de la que el sujeto no puede escapar. Pretendo reflexionar sobre cómo, al no buscar la garantía de un Gran Otro y no debilitarse en su búsqueda, Freud protegió la impotencia de la verdad en el campo del psicoanálisis. A partir de esto, Lacan definió lo real como el núcleo de certeza al que remiten todas las ficciones sin agotarlo y formalizó la disyunción entre saber y verdad. Por eso, en el discurso del analista, éste mantiene el lugar dominante como apariencia de un objeto que es causa del deseo y sitúa el saber en lugar de la verdad.

### Palabras clave:

Psicoanálisis; Real; Certeza; Saber; Verdad; Lacan; Freud.

## Certitude, savoir et vérité dans la praxis de Freud et l'orientation vers le réel formalisée par Lacan

### Résumé

Certaines homologues rapprochent Freud et Descartes, en ce qui concerne le doute comme voie de recherche du savoir : le doute méthodique cartésien et la méthode de libre association et d'interprétation présupposent tous deux la destitution du moi comme source sûre et libre d'aliénation et erreurs. De là, tous deux tirent leur certitude : l'existence de la *res cogitans*, dans le cas de Descartes, et de l'inconscient, dans le cas de Freud. Tous deux opèrent des coupes dans les connaissances et créent des domaines jusqu'alors inexistantes : la science moderne et la psychanalyse. Mais il y a aussi des dissymétries, montre Lacan dans le *Séminaire 11*. Si le réel chez Descartes est dans le passage du « je pense » au « j'existe », la recherche de la vérité le conduit à recourir à la *res infinita* : Dieu. Chez Freud, la certitude vient de la persistance du doute et non de son élimination. Il y a en lui un amour de la vérité et une passion pour le signifiant, qui le positionnent parfois en maître de la vérité de l'inconscient de ses analysants. Mais, n'évitant pas les déceptions liées aux erreurs, les aléas de sa pratique le confrontent toujours au réel : le manque auquel le sujet ne peut échapper. J'ai l'intention de réfléchir à la manière dont, en ne recherchant pas la garantie d'un Grand Autre et en ne faiblissant pas dans

sa recherche, Freud a protégé l'impuissance de la vérité dans le domaine de la psychanalyse. À partir de là, Lacan définit le réel comme le noyau de certitude auquel se réfèrent toutes les fictions sans l'épuiser et formalise la disjonction entre savoir et vérité. C'est pourquoi, dans le discours de l'analyste, il maintient la place dominante comme l'apparence d'un objet cause du désir et alloue le savoir à la place de la vérité.

### Mots-clés :

Psychanalyse ; Réel ; Certitude ; Savoir ; Vérité ; Lacan ; Freud.

### Sou uma coisa que pensa: *res cogitans* (Descartes)

Algumas homologias aproximam Freud e Descartes no que diz respeito à dúvida como via na busca do saber. A dúvida metódica cartesiana e o método da associação livre e interpretação pressupõem, ambos, a destituição do eu como fonte segura e isenta de alienações e equívocos.

Descartes foi filósofo, cientista e matemático. Foi um dos principais pensadores da civilização ocidental, além de ser considerado por muitos o maior filósofo francês de todos os tempos, como por Gilles-Gaston Granger (1973, p. 28): “Sendo Descartes de todos os filósofos franceses certamente o maior, o mais sólido, seria muito humilhante tanto para a Filosofia como para nossa época que seus escritos cessassem de ser para nós **matéria de pensamento**.”<sup>2</sup> Ainda que não se possa mais ser cartesiano “na acepção em que o eram Bossuet ou Mme de Sévigné”, seu pensamento “ainda é capaz de nos prestar serviços”, é o que acredita Gérard Lebrun (1973, p. 8): “Quando um pensador é capaz, a três séculos de distância, de nos forçar a estes reexames, de que serve dizer que é ‘genial’? Amemo-lo ou não, ele nos é indispensável.”

Lembremos ainda que, para Lacan, a descoberta do inconsciente por Freud e a psicanálise como prática seriam impensáveis “antes do nascimento da ciência, no século a que se chamou século do talento, o XVII” (Lacan, 1966/1998, p. 871). Inconsciente e práxis analítica somente poderiam ter surgido após a inauguração da assim chamada ciência moderna, que trouxe para a cena histórica o “sujeito que considero ser um correlato essencial da ciência (...) que foi inaugurado por Descartes e que é chamado *cogito*” (Lacan, 1966/1998, p. 870). Daí a conhecida proposição lacaniana de que “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” (Lacan, 1966/1998, p. 873).

---

2 Negrito no original.

Com isso, Lacan nos remete ao que Descartes chamou de “fundamentos de sua metafísica” em seu *Discurso do método* (Descartes, 1637/1973, p. 35),<sup>3</sup> que é o preâmbulo de outros três tratados: um sobre ótica, outro sobre os meteoros e outro sobre geometria. Aliás, é nesse tratado sobre geometria que Descartes estabeleceu as bases da geometria analítica como área da matemática cuja solução de problemas geométricos é realizada por meio de métodos algébricos. Ele foi o criador dessa área, e não é por acaso que os elementos do sistema de coordenadas que nela é empregado tenham recebido seu nome: plano cartesiano e eixos cartesianos.

É digno de nota que o *Discurso do método* foi escrito e publicado em francês, e não em latim, como era costume na época no caso de trabalhos dessa natureza, pois isso é significativo dos “novos tempos” da ciência moderna, de que Descartes é um dos principais arautos. Diferentemente do caráter hermético da filosofia escolástica, que era ensinada e cultivada nas escolas monásticas e universidades medievais, os pensadores da ciência moderna visavam à circulação do saber científico na sociedade em geral, para além de sua restrição a um círculo esotérico de sábios ou iniciados escolásticos.<sup>4</sup>

E se escrevo em francês, que é a língua de meu país, e não em latim, que é a de meus preceptores, é porque espero que aqueles que se servem apenas de sua razão natural inteiramente pura julgarão melhor minhas opiniões do que aqueles que não acreditam senão nos livros antigos. (Descartes, 1637/1973, p. 79)

---

3 Considere-se que Lacan não parece acreditar que a psicanálise possa oferecer uma metafísica, no sentido proposto por Descartes. Ainda assim, ele entende que “a Psicanálise, quer seja ou não digna de se inscrever num desses dois registros, pode mesmo nos esclarecer sobre o que devemos entender por uma ciência, mesmo por uma religião” (Lacan, 1964/1988, p. 14). Na aula de 29 de janeiro de 1964, ele responde a Jacques-Alain Miller (que o interrogara sobre sua ontologia) com o que poderia aparentar uma antinomia, mas que pode ser mais bem considerado um tensionamento dialético. Primeiro, ele afirma que “é mesmo de uma função ontológica que se trata nessa hiância, pelo que acreditei dever introduzir, como lhe sendo a mais essencial, a função do inconsciente”. Porém, acrescenta a seguir: “A hiância do inconsciente, poderíamos dizê-la *pré-ontológica*. Insisti nesse caráter demasiado esquecido (...) da primeira emergência do inconsciente, que é de não se prestar à ontologia. (...) é que ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado” (Lacan, 1964/1988, pp. 33-34).

4 E aqui estou usando o termo esotérico no sentido geral apontado por Ferrater Mora: “Em um sentido geral, o termo ‘esotérico’ veio a ter quase inteiramente a significação de ‘secreto’, ‘oculto’, ‘apto somente para os iniciados’. Formou-se com base nisso o vocábulo ‘esoterismo’, que significa não apenas uma certa classe de saber, mas uma certa atitude diante do próprio saber, pois ele supõe a distinção entre um saber vulgar, popular, superficial e pouco adentrado na verdadeira natureza do real, e um saber autêntico, único, que é reservado para o eleito, o sábio, o adivinho, o profeta. A transmissão desse saber autêntico é considerada pelos partidários do esoterismo algo prejudicial, tanto para o próprio saber como para os homens que não podem resistir a ele, já que paralisa sua vida e a ação em que se supõe consistir a vida dos iniciados” (Mora, 1994/2005, p. 871).

Na primeira parte do *Discurso do método* (“Considerações atinentes às ciências”), Descartes diz-se decepcionado com todo o conhecimento anterior da escolástica e que o único conhecimento sólido era o da matemática. Acreditava que ela lhe propiciava um método seguro e resolveu sair para viagens para conhecer outros lugares e povos e para aplicar esse método (matemático, científico) no “livro do mundo”, escolhendo como ocupação na vida a procura da verdade com seu método. Esteve em vários países e, na Holanda, em 1618, alistou-se como militar no exército de Maurício de Nassau,<sup>5</sup> que combatia a Espanha na “Guerra dos 30 Anos”.

Eis por que, tão logo a idade me permitiu sair da sujeição de meus preceptores, deixei inteiramente o estudo das letras. E, resolvendo-me a não mais procurar outra ciência, além daquela que se poderia achar em mim próprio, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha mocidade em viajar, em ver cortes e exércitos, em frequentar gente de diversos humores e condições, em recolher diversas experiências, em provar-me a mim mesmo nos reencontros que a fortuna me propunha e, por toda parte, em fazer tal reflexão sobre as coisas que se me apresentavam, que eu pudesse tirar delas algum proveito. (...) O que me deu muito mais resultado, parece-me, do que se jamais tivesse me afastado de meu país e de meus livros. (Descartes, 1637/1973, p. 41)

Na segunda parte do *Discurso do método* (sobre as “Principais regras do método”), ele enuncia seus preceitos, um dos quais é o responsável por tantas vezes ser designado como “método da dúvida metódica”: “o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente com tal (...) e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida” (Descartes, 1637/1973, p. 45). Gérard Lebrun (1973, p. 54) comenta que, com seu método, Descartes submete à dúvida não só aquilo de que duvida de fato, “mas também aquilo de que poderia duvidar de direito”.

É na quarta parte do *Discurso do método* que ele empreende a radicalização de sua dúvida:

Porque os nossos sentidos nos enganam (...), porque há homens que se equivocam ao raciocinar (...) e enfim considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando despertos nos podem também ocorrer

---

5 Vale lembrar que, de 1637 a 1644, Maurício de Nassau foi governador de capitânicas do nordeste brasileiro, ocupadas pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, durante as invasões holandesas.

quando dormimos (...) resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. (Descartes, 1637/1973, p. 54)

E essa exponencialização da dúvida permite-lhe chegar ao que propõe como indubitável: não pode duvidar de que pensa, pois duvidar já é pensar. Pode pensar que tudo o mais não exista e seja apenas ilusão para esse ser pensante (duvidante). Pode também duvidar de tudo em que um dia já acreditou: duvidar, inclusive, do que pensava ser ele próprio. Porém, não pode duvidar de que duvida. E aqui encontra seu porto seguro: uma base sólida que resiste a todas as investidas de sua dúvida hiperbólica. Pode ter certeza de que ele próprio existe, como ser que pensa: “eu penso, logo eu sou” (Descartes, 1637/1973, p. 54).<sup>6</sup>

Sete anos mais tarde (em 1644), com a publicação da primeira edição do *Discurso do método* em latim, o “*je pense, donc je suis*” da edição original em francês foi traduzido para a conhecida expressão “*Ego cogito, ergo sum*” (Des Cartes, 1644, p. 29). Antes disso, porém, nas *Meditações concernentes à primeira filosofia*,<sup>7</sup> que teve sua primeira publicação em latim, a mesma conclusão é afirmada do seguinte modo: “Ora, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente; mas que coisa? Já o disse: uma coisa que pensa” (Descartes, 1641/1973, p. 102) [*Sum autem res vera, et vere existens, sed qualis res? dixi, cogitans* (Descartes, 1641/2007, *Meditatio II*, 21)].

## Deus garante a objetividade da ciência (Descartes)

Observe-se, contudo, que, até esse ponto de seu raciocínio, tanto no *Discurso* quanto nas *Meditações*, Descartes concluiu com certeza apenas sua existência como coisa pensante (*res cogitans*). Sua existência como coisa material e corpórea (como “coisa extensa”, como “*res extensa*”) ainda não foi assegurada até aqui. E como ele prossegue sua reflexão até chegar à certeza da verdade da *res extensa*: sua e das demais coisas do mundo? Isso implicará um passo intermediário, em que ele vai asseverar a existência da substância infinita (*res infinita*): Deus.

Aqui entra a parte da demonstração de Descartes que eu vou me permitir chamar de um artifício um tanto extemporâneo, considerando-se que a ciência moderna advinha ao mundo em articulação com o avanço do capitalismo, anunciando aquilo que em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* Max Weber (1904-1905/2004, p. 135) vai denominar “desencantamento do mundo”. Falando sobre essa proposição weberiana, Barbosa e Quintaneiro assinalam:

---

<sup>6</sup> “*je pense, donc je suis*”, na edição original em francês (Descartes, 1637, p. 33).

<sup>7</sup> As *Meditações* são um aprofundamento das reflexões elaboradas no *Discurso do método* e nas *Regras para a direção do espírito: Regulae ad directionem ingenii* (Descartes, [1619-1628] 1701/1907).

A humanidade partiu de um universo habitado pelo sagrado, pelo mágico, excepcional e chegou a um mundo racionalizado, material, manipulado pela técnica e pela ciência. O mundo de deuses e mitos foi despovoado, sua magia substituída pelo conhecimento científico e pelo desenvolvimento de formas de organização racionais e burocratizadas. (Barbosa & Quintaneiro, 2002, p. 132)

Hoje, sabemos que esse “desencantamento” do mundo promovido pelas formas de capitalismo que estiveram em vigência até o final do século XX foi seguido, quase quatro séculos depois, por uma forma de reencantamento ou pseudoencantamento trazida pela aliança do capitalismo neoliberal com as igrejas neopentecostais e com a ultradireita do século XXI. Porém, aqui estamos falando de Descartes e de seu século, e, nesse momento histórico, o sentido do percurso da nascente ciência moderna, filha rebelde da escolástica, já apontava para a renúncia ao aval divino como suporte para o saber. Ou, psicanaliticamente falando, para se declinar da caução de um Grande Outro como garantia da verdade. Afinal, a ciência moderna, juntamente com o capitalismo, inauguravam historicamente um novo discurso, que vinha para contestar a hegemonia do discurso do mestre antigo, especialmente nos campos de saber científico: o discurso universitário. E é aí que o argumento de Descartes subsequente, ao usar um atalho que concluía a existência da *res extensa* a partir da validação da *res infinita*, mantinha um vínculo com as formas de legitimação que a ciência moderna tinha vindo para questionar. Acompanhem de modo abreviado e sintético como ele prossegue seu raciocínio.

Ele propõe que, da diferença entre o que se percebe como claro e distinto e o que aparece como duvidoso, se possa extrair a distinção entre o perfeito e o imperfeito:<sup>8</sup> ele próprio é imperfeito, mas conceptualiza o perfeito. Considerando que: 1) a ideia do perfeito não pode provir do nada<sup>9</sup> (do nada, nada se engendra [*ex nihilo nihil fit*]); 2) repugna-lhe que o imperfeito conceba o perfeito<sup>10</sup> (não pode haver mais realidade no efeito do que na causa). Conclui: existe uma natureza verdadeiramente mais perfeita do que a minha: “isto é, para explicar-me numa palavra, que fosse Deus” (Descartes, 1637/1973, p. 55). A mesma conclusão sobre a existência da *res infinita* aparece nas *Meditações*, do seguinte modo:

E, por conseguinte, é preciso necessariamente concluir, de tudo o que foi dito antes, que Deus existe; pois, ainda que a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, todavia, a

8 “via claramente que o conhecer é perfeição maior do que o duvidar” (Descartes, 1637/1973, p. 55).

9 “pois tirá-la do nada era manifestamente impossível” (Descartes, 1637/1973, p. 55).

10 “não há menos repugnância em que o mais perfeito seja uma consequência e uma dependência do menos perfeito” (Descartes, 1637/1973, p. 55).

ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita. (Descartes, 1641/1973, pp. 115-116)

E a reflexão cartesiana prossegue, no *Discurso* assim como nas *Meditações*. Sendo Deus perfeito, ele é bom e não nos deixaria em perpétuo erro. Exclui-se, portanto, a hipótese de um gênio maligno (um deus enganador), “não menos ardiloso e enganador do que poderoso” (Descartes, 1641/1973, p. 96), que empregaria toda a sua indústria em nos engabelar. E que seria responsável pelo fato de percebermos e acreditarmos no céu, ar, terra, cores, figuras, sons e todas as coisas exteriores, quando, de fato, não passaríamos de meras ilusões.

É claro que isso não elimina nossos erros e equívocos, já que nós, humanos, somos imperfeitos.

Sendo a vontade muito mais ampla e extensa que o entendimento, eu não a contendo nos mesmos limites, mas estendo-a também às coisas que não entendo; das quais, sendo a vontade por si indiferente, ela se perde muito facilmente e escolhe o mal pelo bem ou o falso pelo verdadeiro. O que faz com que eu me engane e peque. (Descartes, 1641/1973, p. 127)

Mas isso não impede a construção de uma ciência bem-fundamentada sobre as coisas do mundo, desde que guiada pelo método correto. Pois, a despeito das imperfeições humanas, o mundo é verdadeiro: existe a coisa material (*res extensa*), distinta da coisa pensante (*res cogitans*). O Deus cartesiano é a garantia da objetividade do conhecimento científico: a existência da *res infinita* avaliza a existência da *res extensa*. Daí o comentário de Lacan, ao qual não falta uma ponta de verve irônica:

Retornemos a nosso Descartes e a seu sujeito suposto saber. Como se desembaraça dele? Muito bem! Vocês sabem como, por seu voluntarismo, pela primazia dada ao querer de Deus. É certamente um dos mais extraordinários lances de esgrima que jamais foi trazido à história do espírito — as verdades eternas são eternas porque Deus as quer assim. (Lacan, 1964/1988, p. 213)

## Homologia e dissimetrias entre Freud e Descartes

Voltemos à homologia entre Freud e Descartes, afirmada por Lacan no *Seminário 11* e mencionada no início de nosso texto. Lacan propõe que o encaminhamento de Freud tem algo de cartesiano, ao partir, igualmente, do fundamento do sujeito da certeza: daquilo de que se pode ter certeza. Assim como em Descartes, é a partir da dúvida que Freud obtém sua certeza. Ele também introduziu a dúvida

sobre o eu (destituição do eu) e sobre a consciência: dúvida a respeito de todas as convicções consolidadas sobre si mesmo, sobre suas relações com o mundo e sobre o próprio mundo. É isso que ele encontra na análise de seus pacientes e em sua própria autoanálise: “não lembro muito bem se no meu sonho era isso ou aquilo”; “não sei por que me vêm esses pensamentos à cabeça”; “não sei por que sou tomado pela angústia ou por essa tristeza”; “eu disse isso, mas na verdade eu queria dizer aquilo”. Ou, de modo resumido, como propõe Lacan: “Não estou certo, tenho dúvidas” (Lacan, 1964/1988, p. 38).

E, assim como em Descartes, a dúvida é o apoio da certeza de Freud e também seu método. A associação livre é a própria dúvida como método em uma análise. O fluxo do pensamento comandado pela consciência e pelo eu não é confiável e leva apenas à consolidação das alienações e dos equívocos. Portanto, é preciso deixar a associação livre comandar o fluxo do pensamento, como via para se chegar ao fundamento do ser falante: ou seja, ao que ele é para além das alienações e dos equívocos. E é desse método da dúvida (associação livre) que Freud extrai sua certeza: há o inconsciente!

Penso (duvido), logo sou: mas sou como inconsciente, lá onde não penso como “eu” ou consciência. Esse seria o homólogo freudiano do aforismo cartesiano. Ou, como propõe Lacan (1957/1998, p. 52), “penso onde não sou, logo sou onde não penso. (...) eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar”. Consequentemente, o aforismo freudiano “*Wo es war, soll Ich werden*” não pode ser traduzido como “o eu deve deslocar o isso” (Lacan, 1964/1988, p. 47). Deve ser traduzido como “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir”<sup>11</sup> (Lacan, 1966/1998, p. 878).

Descartes e Freud operaram cortes no que existia anteriormente: o corte cartesiano (e da ciência moderna) com o saber escolástico da Igreja Católica e com o sujeito a ele correspondente; e o corte do sujeito do inconsciente freudiano com os sujeitos da filosofia, teologia, psicologia e psiquiatria. Esses cortes são inaugurais de novos campos que não existiam anteriormente: a ciência moderna, no caso de Descartes, e a psicanálise, no caso de Freud. São cortes que vêm de experiências determinadas e bem-definidas, que ofereceram pontos de apoio arquimédicos, a partir dos quais se pôde “mover o mundo”.<sup>12</sup> “Penso, logo existo” é o ponto de apoio de Descartes para “mover o mundo”. Já Freud escorou-se no “penso onde

---

11 Colchetes do próprio Lacan.

12 É no próprio Descartes que Lacan foi buscar uma referência para falar do “valor arquimédico” (Lacan, 1964/1988, p. 46) do ponto de apoio do “penso, logo sou”, uma vez que aquele menciona Arquimedes, que “não pedia nada mais exceto um ponto que fosse fixo e seguro (...) uma coisa que seja certa e indubitável” (Descartes, 1641/1973, p. 99). Lembremos que Arquimedes foi o físico grego da Antiguidade a quem se atribui a frase “Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio e moverei o mundo”, ao falar de suas descobertas em mecânica.

não sou” e “sou onde não penso” — ainda que não exatamente para mover o mundo, se levarmos a sério a epígrafe de *A interpretação dos sonhos*: “Se não posso vencer os céus, moverei o inferno.”<sup>13</sup>

Se existem as convergências entre eles, existem também as dissimetrias, mostra Lacan no *Seminário 11*. Se o real em Descartes está na balança do “eu penso” para o “eu existo”, a existência da *res cogitans* não foi suficiente para satisfazê-lo. A busca do verdadeiro a respeito da realidade do mundo o levou a recorrer à *res infinita* (o “Deus dos filósofos”) como garantia da *res extensa*. É a existência de um Deus veraz que converte “a necessidade subjetiva das ideias em necessidade objetiva”, diz Gilles-Gaston Granger (1973, p. 14).

O desvio de Descartes, que considerei anteriormente como um artifício extemporâneo, foi não fazer da certeza do “eu penso” um simples ponto de esvanecimento: ele foi buscar na garantia de um Grande Outro não castrado um saber capaz de totalizar a verdade. Já em Freud, a certeza advém da persistência da dúvida, e não de sua eliminação.

É verdade que o duvidoso e o incerto, como atributos do eu e da consciência, correspondem ao que Freud caracterizou como o terceiro golpe nas ilusões narcísicas dos seres humanos — junto com a descoberta de que a Terra não era o centro do Universo, por Copérnico, e a de que temos uma ascendência comum com os animais, por Darwin. Descobrimos, diz Freud (1917/2010, vol. 17, pp. 250-251), que “o Eu não é senhor em sua própria casa”. Mas essa “ferida narcísica” não muda o fato de que o método psicanalítico, ao utilizar-se da associação livre como via essencial da análise, tem a dúvida como seu fundamento. O fluxo do pensamento comandado pela consciência e pelo eu não é confiável. Daí que a associação livre seja a via para se acessar o inconsciente do ser falante (os nove décimos abaixo da linha d’água, do *iceberg*, conforme a alegoria freudiana).

É ao se arriscar nessa via da dúvida que o falante pode confrontar-se com seus sonhos, sintomas-falantes, fantasias e atos falhos: as formações do inconsciente. Dúvidas e incertezas não são obstáculo para o método analítico, como afirma Lacan (1964/1988, p. 40): “O inconsciente pode se exercer no sentido do engano e isto não tem para ele [Freud] nenhum valor de objeção. Com efeito, como não haveria a verdade da mentira?”

É com esse método da dúvida (associação livre) que Freud extrai a garantia da certeza que o guia em sua busca: o retorno do recalado é a garantia de que há o inconsciente. Mas, se considerarmos a proposição de Lacan, não é essa a origem de sua certeza:

---

13 “*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo*. É notável que o que se anunciava como uma abertura infernal tenha sido, na sequência, também notavelmente asseptizado” (Lacan, 1964/1988, p. 34).

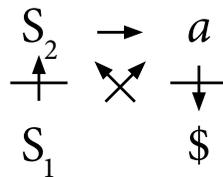
Ela lhe vem de que ele reconhece a lei do seu desejo, dele Freud. Ele não teria podido ir avante com essa aposta de certeza se não tivesse sido guiado (...) por sua autoanálise. E o que é sua autoanálise — senão o mapeamento genial da lei do desejo suspensa ao Nome-do-Pai? (Lacan, 1964/1988, p. 50)

## Saber, verdade e real: a posição de Freud nos discursos e a formalização do real por Lacan

Precisamos admitir que também há, em Freud, um amor pela verdade e uma paixão pelo significante; e que, às vezes, posicionam-no como mestre da verdade do inconsciente de seus analisantes. É aí que surgem interpretações atravessadas pela lei do desejo do próprio Freud: “certo pecado original da análise. (...) O verdadeiro é talvez apenas uma coisa, é o desejo do próprio Freud, isto é, o fato de que algo, em Freud, não foi jamais analisado” (Lacan, 1964/1988, p. 19).

Essa paixão pelo significante e pela verdade às vezes leva Freud a se precipitar como guru do inconsciente de suas analisantes. Aí o vemos no discurso universitário, posicionando-se como S<sub>2</sub> de uma teoria proposta de modo um tanto precipitado; que, no caso Dora, por exemplo, confunde o desejo *do* pai com o desejo *pelo* pai, sem ver que o desejo da histérica é sustentar o desejo *do* pai (Lacan, 1964/1988, pp. 40-41). Nessas ocasiões, o saber de mestre moderno da teorização freudiana coloca a analisante no lugar de objeto da teoria (*a*).

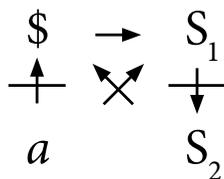
Figura 1. Discurso universitário.



Fonte: Lacan, 1972/1978, p. 40.

Freud, porém, nunca permaneceu estacionado, agarrando-se teimosamente a qualquer das múltiplas formalizações progressivas elaboradas ao longo de sua obra. É por isso que o vemos tantas vezes no discurso histórico, como sujeito barrado (\$), que sabe de sua divisão em razão de sua autoanálise, interrogando incessantemente o mestre (S<sub>1</sub>): seja o saber da psiquiatria de sua época, seja a própria teoria nascente da psicanálise, que ele está criando e fazendo avançar, seja ainda a cadeia significante do inconsciente de suas analisantes. Ao que ele visa? À produção de um saber (S<sub>2</sub>) sobre o inconsciente dos analisantes. No lugar da verdade está o real da causa do desejo do próprio Freud.

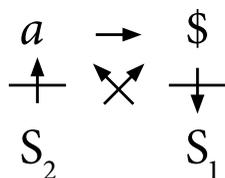
Figura 2. Discurso histórico.



Fonte: Lacan, 1972/1978, p. 40.

Mas não podemos esquecer que Freud criou seu método próprio de, ao mesmo tempo e inseparavelmente, tratar o sujeito e interrogar seu inconsciente. Portanto, seu posicionamento no discurso histórico encontra-se estreita e intrinsecamente conectado a uma contínua alternância com o discurso analítico, entre os quais ele se move incessantemente. Conduzindo o processo analítico da posição de semblante de objeto causa do desejo (objeto *a*), Freud sempre retomou a dúvida sobre o inconsciente de seus analisantes, reservando-lhes o lugar de sujeitos divididos (\$), para que produzissem os S<sub>1</sub> de seus inconscientes. Aqui, ele tinha o saber (S<sub>2</sub>) no lugar da verdade; essa última, com sua impotência resguardada. E isso por duas razões: porque a verdade nunca se mostrou totalizada e porque Freud suportou seus fracassos (encontros com o real faltoso), utilizando-os como motor de novos avanços clínicos e teóricos, sem desanimar em sua busca. É ao conduzir o tratamento desse modo que Freud criou o processo analítico e seu discurso (discurso do analista).

Figura 3. Discurso do analista.



Fonte: Lacan, 1972/1978, p. 40.

Em consequência de tudo o que foi exposto até este ponto, podemos afirmar que há um núcleo real no inconsciente que não cessa de não se escrever. Coerentemente com isso, ainda que com circunvoluções sinuosas, a práxis freudiana orientou-se pelo real. Porém, é em Lacan que vamos encontrar uma definição rigorosa do real como núcleo de certeza a que todas as ficções remetem sem esgotar, além de uma formalização precisa da disjunção entre saber e verdade. Concluo o

texto com uma afirmação do *Seminário 11*: “Nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (Lacan, 1964/1988, p. 55).

## Referências bibliográficas

- Barbosa, M. L. de O., & Quintaneiro, T. (2002). Carisma e desencantamento do mundo. In T. Quintaneiro, M. L. de O. Barbosa, & M. G. Oliveira. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber* (2a ed. rev. e amp., pp. 131-133). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Des Cartes, R. (1644). *Specimina philosophiae, sev Dissertatio de methodo recte regendae rationis & veritatis in scientiis investigandae: Dioptrice et Meteora*. Amstelodami: Apud Ludovicum Elzevirium.
- Descartes, R. (1637). *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences*. Leyde: De l’Imprimerie de Jan Maire.
- Descartes, R. (1907). *Regulae ad directionem ingenii*. Leipzig: Dürr’schen Buchhandlung. (Trabalho original publicado em [1619-1628] 1701)
- Descartes, R. (1973). *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências* (Vol. XV, pp. 33-79). São Paulo: Abril. Coleção Os Pensadores. (Trabalho original publicado em 1637)
- Descartes, R. (1973). *Meditações concernentes à primeira filosofia nas quais a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem são demonstradas* (Vol. XV, pp. 81-150). São Paulo: Abril. Coleção Os Pensadores. (Trabalho original publicado em 1641)
- Descartes, R. (2007). *Meditationes de prima philosophia*. Project Gutenberg’s Meditationes de prima philosophia, by René Descartes. *E-book*. Recuperado em 21 de janeiro, 2024, de [www.gutenberg.org/files/23306/23306-h/23306-h.htm](http://www.gutenberg.org/files/23306/23306-h/23306-h.htm). (Trabalho original publicado em 1641)
- Freud, S. (2010). Uma dificuldade da psicanálise. In S. Freud. *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”); Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 240-251). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Granger, G.-G. (1973). Introdução. In R. Descartes (1637). *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências* (Vol. XV, pp. 11-30). São Paulo: Abril. Coleção Os Pensadores.
- Lacan, J. (1978). Discours de Jacques Lacan à l’université de Milan, le 12 mai 1972. In *Lacan in Italia 1953-1978. En Italie Lacan* (pp. 32-55). Milan: La Salamandra. Recuperado em 9 de fevereiro, 2024, de <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>. (Trabalho original publicado em 1972)

- Lacan, J. (1988). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. O seminário: livro 11* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lebrun, G. (1973). Prefácio. In R. Descartes (1637). *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências* (Vol. XV, pp. 7-8). São Paulo: Abril. Coleção Os Pensadores.
- Mora, J. F. (2005). *Dicionário de filosofia* (2a ed., T. II [E-J]). São Paulo: Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1994)
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1904-1905)

**Recebido:** 01/12/2023

**Aprovado:** 15/12/2023